

“Vinhos de jurubeba com pós de joanes”: cultura e moralidade sobre a sífilis em Jacobina (1930-1940)

 **Ricardo dos Santos Batista**

Mestrando em História Social
Universidade Federal da Bahia

Resumo:

Utilizando como fontes teses da Faculdade de Medicina da Bahia, o jornal *O Lidador*, que circulou na cidade de Jacobina na década de 1930, e os atestados de óbito do Arquivo Municipal da mesma cidade, este artigo tem como objetivo analisar a relação entre o pensamento sobre a sífilis e as ações dos jacobinenses durante a década de 1930. Uma cidade na qual a moralidade, baseada na preservação da instituição “família”, esteve presente de forma incisiva, influenciando o comportamento das pessoas.

Palavras-chave:

Jacobina (BA)
Doenças
Condições morais

Introdução

A cultura funciona como uma entrada privilegiada para a discussão de alguns temas da História Social. Estudar as relações entre as doenças e seus desdobramentos na sociedade, a exemplo dos discursos de moralidade, revela que a esfera cultural pode delinear aspectos contidos nas ações sociais, e vice-versa. Nesse trabalho, será analisada a relação estabelecida entre o pensamento do final do século XIX e primeiras décadas do século XX acerca da sífilis, e os moradores da cidade de Jacobina - Bahia na década de 1930. Para isso, serão utilizadas as contribuições que alguns antropólogos têm fornecido para a historiografia, como o conceito semiótico de cultura proposto por Clifford Geertz, e a relação dialética entre sistemas de significação e o mundo empírico, defendido por Marshall Sahlins.¹

O debate sobre o local onde a sífilis surgiu causa polêmica ainda hoje. Diversas teorias foram desenvolvidas em busca da explicação de sua origem. Essas teorias acusavam Itália, França e América, dentre outros países, de terem sido o possível berço onde a sífilis nasceu. Aqui no Brasil, reflexões feitas por Freyre contribuem para a desconstrução da teoria que responsabiliza os americanos. Ao discutir o clima e as condições de nutrição, no período colonial, esse autor citou as doenças recorrentes, com destaque para a sífilis, e apresentou questões sobre a saúde no Brasil em *Casa Grande & senzala*. Ele considerou a miscigenação brasileira como um processo de sifilização. O país teria sido antes sifilizado e somente depois civilizado. Isso teria ocorrido em virtude da ação dos primeiros povoadores que contaminaram grande parte da população.² É necessário ressaltar que nenhuma nação quis assumir a "paternidade" da doença, porque, desde o seu surgimento, ela se encontrava ligada a questões morais e sexuais, tornando-se um mal que classificava seus portadores como libertinos e promíscuos.

Da passagem do século até a década de 1940, a sífilis tornou-se um ponto de convergência das preocupações e de interesses múltiplos no Brasil, atraindo a atenção de diversos setores sociais, a exemplo de policiais em busca de uma normatização do espaço público, de feministas que

1 Clifford Geertz, *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989; Marshall Sahlins, *Ilhas de História*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

2 Gilberto Freyre, *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 30. ed., Rio de Janeiro, Record, 1995, p. 47.

rediscutiam a condição feminina e os papéis sociais, e padres e pastores preocupados com a salvação das almas dos fiéis e com a conservação da sua pureza moral.³

A Faculdade de Medicina da Bahia produziu trabalhos, nesse período, que caracterizavam a doença e elaboravam normas de profilaxia. Porém, mais do que isso, despejavam uma carga de valores morais no que diz respeito ao contaminado, ao mal que o mesmo traria à sociedade, ao “crime” que seria cometido ao permitir o casamento entre um sífilítico e uma moça “sã”.

Teses de doutoramento como as de Belmiro de Lima Valverde, Gothardo Correia de Araújo Filho, José Cesário da Rocha e Julio Pereira Leite,⁴ utilizadas para o desenvolvimento desse trabalho, funcionaram como espelho para que os médicos, inclusive aqueles espalhados pelo interior do estado, propagassem a imagem degradante da sífilis.

A característica mais marcante, impressa nas teses médicas analisadas, é a hereditariedade da doença. Havia o medo de que toda a população mundial um dia se contaminasse e se extinguisse. Deve-se lembrar que a penicilina, responsável pela cura da sífilis, foi inventada em 1928, mas somente produzida em larga escala a partir de 1940.⁵

Em relação à forma como os médicos encaravam a doença, destacam-se as reflexões de Valverde, que apontou o alcoolismo, a tuberculose e a sífilis como os três grandes flagelos da sociedade, mas indicou prioridade para a sífilis, porque ela era despopularizante. Transmitida de mãe para filho, era responsável por muitos casos de aborto.⁶ Leite caracterizou-a como uma doença vergonhosa e imoral, como um castigo merecido aos que pelo seu desregramento e maus costumes se tornaram

3 Sérgio Carrara, *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*, Rio de Janeiro, Fiocruz, 1996, p. 16.

4 Belmiro de Lima Valverde, *Influência da syphylis na sociedade*, Tese (Medicina), Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1906; Gothardo Correia Araújo Filho, *Da prophylaxia da syphilis*, Tese (Medicina), Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1917; José Cesario Rocha, *Syphilis e casamento*, Tese (Medicina), Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1906; Julio Pereira Leite, *Conseqüência para a mulher do casamento de um syphilitico - transmissão da syphilis pelo casamento*, Tese (Medicina), Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1893.

5 Ana Leonor Pereira e João Rui Pita, “Alexander Fleming (1881-1955): da descoberta da penicilina (1928) ao Prêmio Nobel (1945)”, *Revista da Faculdade de Letras: História*, sér. II, 6 (2005), p. 129-151.

6 Valverde, *Influência da syphylis na sociedade*, p. 25.

indignos de toda piedade e compaixão.⁷ E para Araújo Filho, ela não afetava apenas o indivíduo, mas feria gravemente a família e a sociedade.⁸ Assim, a sífilis era vista como um mal abominável.

O discurso médico produzido pela academia disseminava um pensamento que acabou por tomar as diversas feições nas instâncias culturais das cidades baianas. É certo também que as crenças já existentes na sociedade, a partir das experiências cotidianas dos indivíduos em relação à doença, não permitiram uma repetição do pensamento médico de forma unilateral e massificante. Mas continham muitos aspectos semelhantes ao pensamento da medicina.

Segundo Sontag, as metáforas em torno da sífilis não foram tão intensas quanto em torno de outras doenças, como a tuberculose. Contrair sífilis era algo previsível. A consequência, em geral, de fazer sexo com um portador da doença. Assim, entre todas as fantasias ornadas a respeito da contaminação sexual vinculadas à sífilis, não havia lugar para um tipo de personalidade tida como especialmente suscetível à doença (como antigamente se pensava o caso do tuberculoso, e hoje o caso do canceroso). A personalidade sífilítica era típica de alguém que tinha a doença, e não de alguém com probabilidade de contraí-la. Em seu papel de flagelo, a sífilis implicava um julgamento moral (sobre sexo fora do limite, sobre prostituição), mas não um julgamento psicológico.⁹ Entretanto, a análise da realidade jacobinense possibilita pensar numa possível metaforização existente no pensamento em relação à sífilis. Isso se dá a partir do lugar de destaque que a mesma ocupava em relação às diversas outras doenças que ali existiam. Não seria de se espantar se as famílias de elite, através do exercício da moral, num contexto que envolve garimpeiros e prostitutas, tivessem desenvolvido um verdadeiro “espectro” para um perfil de pessoa contaminada.

A cidade de Jacobina fica localizada na região do Piemonte da Chapada Diamantina. Foi desbravada no século XVII pela família dos Guedes de Brito e pelos Garcia d’Ávila,¹⁰ e em 1726 abriu uma casa de fundição, que

7 Leite, *Conseqüência para a mulher*, p. 2.

8 Araújo Filho, *Da prophylaxia da syphilis*, p. 45.

9 Susan Sontag, *Doença como metáfora: AIDS e suas metáforas*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p. 39.

10 Affonso Costa, “200 anos depois: a então villa de Jacobina”, *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, 48 (1923), p. 277.

destinava o lucro da extração aurífera ao Estado. Contudo, foi somente na década de 1930 que se anunciava no jornal *O Lidador* a autorização para pesquisa e extração do ouro a particulares no leito do rio Itapicuru, e incentivava a organização da sociedade para o mesmo fim.¹¹

Essa propaganda funcionou como um atrativo para pessoas da região e de várias partes do Estado, visto que fazia um convite para se respirar os bons ares da cidade, oferecendo a possibilidade de enriquecimento, em contraposição aos efeitos destacados por Sampaio a respeito da seca que assolou a Bahia em 1932.¹² A imprensa via na extração aurífera a possibilidade de a cidade desenvolver-se economicamente, chegando à tão sonhada modernidade.¹³

Os meios de comunicação eram vistos como a forma mais eficaz para atrair pessoas para Jacobina. Havia uma preocupação por parte do próprio prefeito da cidade, Reynaldo Jacobina Vieira, em divulgar as riquezas encontradas nas minas de ouro e em dar projeção à cidade “moderna”. Em ofício à câmara de vereadores, ele enfatizou a importância dos meios de comunicação para o crescimento do município. Solicitou a importância de 2:100\$000 (dois contos e cem mil réis) para a produção de uma filmagem das minas do Itapicuru e de parte da cidade, que seria produzida pela Meridional Filmes do Brazil, e que possibilitaria a convergência de muitas pessoas para o local, em favor das finanças do município.¹⁴ Assim, o número de forasteiros cresceu consideravelmente e, nesse contexto, acredita-se que a sífilis era uma doença comum no meio social jacobinense.

Uma doença presente

Durante toda a década, o jornal *O Lidador* publicou um número exacerbado de propaganda de medicamentos que prometia a cura para a

11 “Vêm cavar ouro”, *O Lidador*, 23/03/1934, p. 1.

12 Consuelo Novais Sampaio, *Poder e representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937*, Salvador, Assembleia Legislativa - Assessoria de Comunicação Social, 1994, p. 41-42.

13 Zeneide Rios de Jesus, *Eldorado sertanejo: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005, p. 32.

14 Arquivo Público Municipal de Jacobina (APMJ), *Livro de Ofícios da Prefeitura Municipal de Jacobina*, 1932.

sífilis. Exemplos clássicos são o “elixir 914” e o “elixir de noqueira”. Para Temporão, a doença estava sempre como uma entidade médica a ser combatida por inúmeros preparados. Nos anúncios, a sífilis assumiu as feições mais variadas e mais terríveis, tomando a forma de um flagelo que ameaçava o país, principalmente a família.¹⁵ Era também muito comum, nesses anúncios, que pessoas bem posicionadas socialmente, como médicos e advogados, descrevessem como foram curados ao tomar diversos frascos desses preparados. A utilização dessas pessoas, cheias de prestígio, em muitos casos residentes no Rio de Janeiro, buscava convencer os jacobinenses da eficácia dos medicamentos, como mostra o depoimento do Assistente Sifilográfico da Cruz Vermelha, publicado em 3 de novembro de 1933:

Julgo o Elixir de Nogueira, fórmula do pharm. João da Silva Silveira, um optimo preparado para a syphilis, e entre os similares, um dos mais activos, motivo pelo qual sempre aconselho aos meus clientes. Dr. Rivaldo de Azevedo.¹⁶

Esse tipo de propaganda foi disseminado em todo o país. Poder-se-ia pensar que Jacobina foi apenas mais uma das inúmeras cidades que possuía imprensa local e que, portanto, foi apenas mais um alvo dessa propaganda massiva. Contudo, como os dados que seguem abaixo apontam, a cidade conviveu de uma forma “íntima” com a sífilis.

A utilização dos elixires foi tema do artigo escrito pelo doutor Alfredo Souza em uma edição de *O Lidador*. Ele citou exemplo de médicos que receitavam os medicamentos das propagandas apenas para ver seus pacientes mais tranquilos, e não pela sua eficácia. Relata o caso de um paciente que há oito meses sofria de uma moléstia, já havia tomado seis vidros de “elixir 914” e três de “mururê” e ficou curado quando lhe foi ministrado, em seu consultório, o tratamento correto. O apelo do doutor Alfredo era voltado aos médicos do interior. Pedia que se colocassem contra os grandes donos de laboratórios, que tentavam transformar a projeção alcançada pela propaganda em símbolo de eficácia do medicamento. Ele concluiu que se cada cidadão jacobinense economizasse, não comprando as

15 José Gomes Temporão, *A propaganda de medicamentos e o mito da saúde*, Rio de Janeiro, Graal, 1986, p. 58.

16 “Assistente do serviço syphilográfico da Cruz vermelha”, *O Lidador*, 9, 03/11/1933, p. 4.

garrafadas, e esse dinheiro fosse utilizado na contratação de médicos, a cidade teria oito e não apenas dois profissionais de medicina.¹⁷

Torna-se claro que os jacobinenses, assim como os moradores de outras cidades do interior, acreditavam na eficácia dos preparados que comumente eram divulgados no jornal, inclusive os específicos para a sífilis, a ponto de alguns médicos receitarem esses medicamentos apenas para que essas pessoas tivessem mais confiança na cura, e não pelo efeito obtido. O que mais chama a atenção é o número de apenas dois médicos para uma cidade com as proporções de Jacobina. Em seu estudo sobre garimpos e garimpeiros, Jesus não conseguiu estabelecer uma demografia para cidade no período, visto que a mesma passou por vários processos de desmembramento que vão de 1920 a 1960.¹⁸ Entretanto, em 1934, o doutor Alfredo indicou cinquenta mil habitantes, afirmando serem esses os dados do último censo.¹⁹ Sendo assim, uma cidade de tal proporção, mesmo com apenas dois médicos, repetia no jornal um discurso que vinha da academia, através do doutor Alfredo e os interesses da sua classe profissional. A tese do doutor Leite, defendida na Faculdade de Medicina da Bahia, repetia muitas das ideias que estavam presentes no artigo do doutor Alfredo. Ele também discutiu o problema das garrafadas e dos anúncios e afirmava que tomar um elixir era o mesmo que aplicar mercúrio em quem não precisava, ou seja, um verdadeiro crime.²⁰

A sífilis em Jacobina foi denunciada ainda no relatório enviado ao presidente do Conselho de Assistência Social da Bahia, em 1938, pelo doutor Alfredo que, nesse momento, se encontrava como diretor do Hospital Antônio Teixeira Sobrinho e pedia ajuda financeira para a construção de um novo pavilhão no hospital que funcionaria como lactário e maternidade.²¹ No relatório são descritos os atendimentos do hospital, tanto no ambulatório quanto nas enfermarias. O maior número de atendimentos do ano foi de pacientes que apresentaram verminose, totalizando 605 pessoas. Logo abaixo das verminoses e em número muito superior a outras doenças, estão os 290

17 "Médicos e Medicamentos", *O Lidador*, 13/05/1934, p. 1 e 3.

18 Jesus, *Eldorado sertanejo*, p. 46.

19 "Médicos e Medicamentos", p. 3.

20 Leite, *Consequência para a mulher*, p. 16.

21 Arquivo Público do Estado da Bahia (APEBA), Seção Republicana, cx. 4092, mc. 131, *Relatório do Hospital Teixeira Sobrinho de Jacobina*, 1938.

atendimentos a pessoas com sífilis. Foram atendidos ainda 187 portadores de outras doenças venéreas.

O atendimento de tantas pessoas contaminadas pela sífilis contribui para se pensar o quanto essa doença, dentre tantas outras doenças venéreas, esteve disseminada no cotidiano da cidade. O objetivo aqui não é estudar a incidência de sífilis em números quantificáveis. Há uma necessidade de diagnosticar a presença real da mesma no meio social para comprovar que as características culturais observadas, além das práticas sociais a serem identificadas, encontram-se imbricadas numa doença que de fato existiu.

Os atestados de óbito

A utilização dos atestados de óbito nesse trabalho poderia ser alvo de críticas. Destacam-se, por exemplo, os riscos que se correria ao tentar verificar uma doença de ciclo biológico tão demorado em apenas dez anos de óbitos. Ocorre que não há atestados de um período posterior para uma análise em temporalidade mais extensa. O mais comum seria então desistir dos atestados, mas acredita-se que seria uma grande perda descartar as preciosas informações que os mesmos podem oferecer.

Jacobina é uma cidade em que poucas fontes sobrevivem à ação do tempo e muitas delas encontram-se em mãos de famílias, indisponíveis para a pesquisa. Dessa maneira, opta-se por tentar driblar o risco, não objetivando a quantificação da sífilis nos óbitos (o que, por sinal, é um número muito pequeno e reflete de forma muito clara o silenciamento a respeito da doença nesse tipo de fonte), mas as informações qualitativas que existem sobre os poucos sífilíticos diagnosticados nos atestados tais como idade, sexo e profissão.

Foram verificados 42 diagnósticos de sífilis como “causa mortis” nos 1.055 atestados analisados. Neles, observa-se que o perfil dos homens infectados engloba a faixa etária entre 42 a 68 anos, em sua maioria casados. Estas pessoas foram classificadas com profissões como lavradores, açougueiros e padeiros. Os homens mais jovens, com idade entre 23 e 35 anos, e que também eram portadores da doença, não possuíam emprego. Entre as mulheres com sífilis, todas tiveram registro de doméstica como profissão, o que era quase unanimidade nos óbitos gerais, mas também não

quer dizer que essas mulheres cuidassem apenas do lar. É interessante observar que em sua maioria estavam solteiras, e sua idade variava entre 17 e 50 anos.

Partindo para a análise, é plenamente questionável a presença predominante de homens com profissões que somente proporcionam um baixo poder aquisitivo. Numa sociedade com advogados, comerciantes, ourives, dentistas e ferroviários apenas os pobres morreram de sífilis? Apenas as pessoas mais humildes contraíam a doença? E as mulheres? Por que a quase unanimidade de mulheres solteiras em contraposição a tantos homens casados?

Grande parte dos atestados não possuíam todos os dados preenchidos e, no final destes, encontrava-se constantemente a inscrição “sem assistência médica”, o que indica que essas pessoas morreram sem o auxílio de um profissional de medicina. Esse não é um dado que cause espanto, visto que anteriormente foi apontada a escassez de médicos na cidade. Contudo, os atestados de pessoas de elevada posição social, como comerciantes de ouro e fazendeiros – que através de suas profissões deixavam transparecer o privilégio social e poder aquisitivo que possuíam – eram preenchidos de forma completa, com caligrafia bem mais trabalhada e não registravam a ausência de médico na hora da morte.

Interpretar os silenciamentos dos atestados de óbito é preciso, porque aí estão elementos da cultura jacobinense. O silêncio é em si um ato de comunicação carregado de significados,²² e analisar a cultura como uma ciência interpretativa é perceber o homem como um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, o que possibilita a realização de uma descrição densa.²³

Questionar os atestados é buscar revelar que o pensamento sobre a doença poderia fazer com que membros da alta sociedade jacobinense buscassem ocultá-la intencionalmente dos registros de óbito. Silva observou, num período anterior (1829 a 1894), documentos da mesma natureza na Cúria Diocesana de Feira de Santana e diagnosticou processo semelhante ao observado em Jacobina. Para ele, o prestígio político e as fortes tradições familiares frequentemente evocadas, e reconhecidas perante o corpo social,

22 Peter Burke, *A arte da conversação*, São Paulo, Unesp, 1995, p. 163.

23 Geertz, *A interpretação das culturas*, p. 15.

interferiam no registro de óbito. O nome da família e a tradição familiar apresentavam-se como um bem valioso demais para serem “manchados” com vítimas da sífilis.²⁴

Essa linha de raciocínio é perfeitamente aplicável para Jacobina, uma cidade que buscava ares de modernidade e que possuía a moralidade como a linha mestra. Não haveria problemas em registrar a sífilis como causa mortis para homens jovens, solteiros e sem emprego, pois um pensamento muito recorrente seria de que estes eram vadios, desempregados e não possuíam laços fortes com a família. Seriam pessoas que possivelmente não se importariam com o diagnóstico positivo da doença, que destoavam do “comportamento modelo” disseminado como padrão para controlar o corpo social. Esses homens constituíam um grupo “diferente”, o que reafirma a ideia de que a sífilis está sempre relacionada à produção da imagem de um “outro”, que poderia ser um estrangeiro, ou alguém à margem da sociedade. Ao analisar a lepra e a AIDS, Tronca afirma que é como se o “perigo” fosse construído como se viesse sempre do exterior.²⁵

Sobre os homens mais velhos, entre 42 e 68 anos, poder-se-ia pensar que eram pessoas simples e rudes que não permitiam ver sua autoridade questionada em casa pelas esposas. Frequentavam prostíbulos, envolviam-se no ambiente do garimpo, nas jogatinas das margens do Itapicuru. Leva-se em consideração que havia um verdadeiro “clima de desordem” nas minas de extração aurífera, que deu destaque ao povoado de Itapicuru nas páginas do Lidador. Por onde esses homens se deslocavam faziam verdadeiras festas entre jogos e prostitutas.²⁶ Outra possibilidade para se pensar a contaminação desse grupo é que podem ter sido “vítimas” num momento de deslize. Traíram suas esposas e contraíram a doença.

As mulheres, independente da sua idade, estavam classificadas como solteiras. Dessa forma, era de se esperar que não lhes fosse atribuído os valores comumente instituídos para mulher jacobinense. Havia toda uma forma de comportamento esperado para mulheres consideradas “direitas”, que não devia se aproximar do comportamento das prostitutas. Assim, essas

24 Aldo José Morais Silva, “A percepção da moral oitocentista através dos registros eclesiásticos de óbito: elementos para uma história da cultura na saúde pública em Feira de Santana”, *Sitientibus*, 21 (1999), p. 101-116.

25 Ítalo Tronca, *As máscaras do medo: lepra e AIDS*, São Paulo, Editora da Unicamp, 2000, p. 42.

26 Jesus, *Eldorado sertanejo*, p. 55.

sifilíticas que constam nos óbitos, que não constituíram família, poderiam ser classificadas como mundanas ou decaídas (adjetivos que eram constantemente utilizados para classificar as meretrizes).

O pensamento médico acusava as prostitutas como principais disseminadoras da sífilis. Para Araújo Filho, a prostituição era o fator mais preponderante na disseminação da doença e reprimir o meretrício seria uma medida profilática.²⁷ Leite vai mais além e aponta a prostituição, mas também o charlatanismo como os principais meios de propagação da sífilis.²⁸ E em sintonia com essas observações percebe-se que em Jacobina foi estabelecida uma verdadeira mobilização, com o objetivo de acabar com prostíbulos e curandeiros.

Diversas notícias foram publicadas em *O Lidador* exigindo o fim dos cabarés e punição para os disseminadores das práticas de cura alternativas à medicina oficial.²⁹ Assim como no estudo que Sampaio desenvolveu sobre o Império, a imprensa jacobinense nem sempre se restringia a noticiar a presença e o envolvimento dos curandeiros com a polícia - aliás, quase nunca fazia isso.³⁰ Era comum atribuir-lhes nomes depreciativos como “macumbeiros” e “malfeitores”. Em 7 de setembro de 1933, *O Lidador* noticiava a prisão de um curandeiro que morava na rua da Missão e se dizia especialista em sífilis. Ele misturava “vinhos de jurubeba com pós de joanes” como garrafada anti-sifilítica, e outras “fórmulas diabólicas que sua mente creara”.³¹ Essa perseguição a curandeiros e prostitutas pode ter sido também uma tentativa de apagar resquícios de um passado colonial, nesse momento da nova república, em que a modernidade era o objetivo dos jacobinenses.

Thompson destaca que a cultura é um campo para a mudança, uma arena na qual os interesses opostos apresentam reivindicações conflitantes.³² Seu pensamento entra em consonância com alguns

27 Araújo Filho, *Da prophylaxia da syphilis*, p. 56.

28 Leite, *Consequência para a mulher*, p. 15.

29 “Os cabarets continuam!”, *O Lidador*, 24/08/1934, p. 1; “Um curandeiro em riachão”, *O Lidador*, 15/06/1934, p. 3; “Médicos e bacharéis”, *O Lidador*, 05/01/1934, p. 4.

30 Gabriela dos Reis Sampaio, *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*, São Paulo, Editora da Unicamp, 2001, p. 82.

31 “Vinhos de jurubeba com pós de joanes”, *O Lidador*, 07/09/1933, p. 4.

32 Edward Palmer Thompson, *Costumes em comum*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 16-17.

antropólogos, cuja maior contribuição para o estudo da cultura é visualizá-la como uma esfera dinâmica e não desprendida do mundo real. Percebe-se que, quaisquer que sejam ou onde quer que estejam os símbolos, é possível ter acesso a eles inspecionando os acontecimentos e não arrumando entidades abstratas em padrões unificados.³³

Pensando na perspectiva proposta por Sahlins, na qual os significados são reavaliados na prática,³⁴ as concepções da população sobre a sífilis influenciaram na esfera empírica, contribuindo para a repulsa a curandeiros e prostitutas, mas acredita-se também que a experiência cotidiana interferiu na esfera cultural.

A sociedade jacobinense estava inserida numa perspectiva dialética, porque, ao mesmo tempo em que a perseguição era incentivada no jornal, as crenças e as necessidades, observadas no cotidiano, faziam com que as pessoas participassem de cultos ao candomblé e, além disso, havia toda uma rede de sociabilidades na qual as prostitutas estavam envolvidas, e que os processos crimes revelam.³⁵

Considerações finais

A honra e a moralidade eram aspectos de vital importância para a sociedade jacobinense e, porque não dizer, para a sociedade brasileira daquele período. Caufield, em estudo sobre o Rio de Janeiro, enfatizou que a honra sexual era a base da família e esta, a base da nação. A autora mostrou o medo existente de que com o fim da “força moralizadora da honestidade sexual das mulheres” a modernização causasse a dissolução da família, o aumento da criminalidade e um caos social.³⁶ Sustentar essa moralidade, entretanto, significava consolidar relações hierárquicas baseadas não somente nas relações de gênero, mas nas diferenças raciais e de classe.

33 Geertz, *A interpretação das culturas*, p. 27.

34 Sahlins, *Ilhas de História*, p. 7.

35 Fórum Jorge Calmon (FJC), Cartório dos feitos Cíveis e Criminais, fundo 048, série 002, fl. 7, *Processo de agressão física. Réu Mário Vieira de Tal*; FJC, Cartório dos feitos Cíveis e Criminais, Processos Avulsos, *Processo de Assassinato. Réus Sebastião Modesto do Nascimento e Julio Gambôa de Talles*.

36 Sueann Caufield, *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, Campinas, Unicamp, 2000, p. 26.

É a presença de uma cultura moral dessa natureza que se observou em Jacobina, nas primeiras décadas do século XX, e que implicou também o estabelecimento de relações sociais hierárquicas.

Outro exemplo concreto dessa dinâmica foram os comuns apelos e agradecimentos de integrantes das classes mais abastadas ao delegado de polícia de Jacobina pelas mais diversas proibições, as quais sempre buscavam censurar a população menos favorecida. Em 9 de fevereiro de 1932, foi publicado no jornal *O Lidador* um agradecimento pelo veto dos banhos que aconteciam na região do rio Itapicuru, denominada Picula. Esse trecho do rio ficava em frente à Praça da Igreja Matriz e era muito utilizado para lavagens de roupa e banhos. O anúncio agradecia a proibição do “indecoroso espetáculo dos marmanjos, e a moda da nudez... entre nós, já adeantada”.³⁷

Dentro desse contexto não é de se espantar que a sífilis, doença tão presente no meio social, mas tão envolta de características negativas, também entrasse no rol dos estigmas moralizantes e fizesse com que alguns membros da sociedade buscassem ocultar a doença dos atestados de óbito.

A grande ameaça da sífilis era a desintegração da família. Valverde acreditava que o teste para a sífilis deveria ser feito antes do casamento e, caso não o fosse, seria um atraso moral de um povo que esquecia seus deveres, já que a família não podia trazer consigo uma marca tão estigmatizante e destrutiva.³⁸ Jacobina era, portanto, uma cidade baseada na moralidade e na família, onde não havia espaço para a sífilis.

recebido em 11/2009 • aprovado em 01/2010

37 “Os banhistas da ‘Picula’”, *O Lidador*, 09/02/1934, p. 1.

38 Valverde, *Influência da syphilis na sociedade*, p. 31.